

Em breve, saudades de Sarney

Os 82 milhões de brasileiros qualificados para o exercício do voto escolhem hoje o futuro Presidente da República, quebrando jejum de 29 anos. Os institutos de pesquisas apontam Fernando Collor de Mello como favorito, desde o debate de quinta-feira à noite, na televisão, quando Luiz Inácio Lula da Silva não parecia tão bem quanto esteve no primeiro programa. Ainda que Collor seja o favorito, não se pode descartar a hipótese de um desempenho eleitoral surpreendente de Lula, escudado por um partido que possui a mais atuante e aguerrida militância partidária.

Mas, seja qual for o vitorioso, o importante é que cessem ódios e ressentimentos gerados pela competição desgastante, em nome dos interesses da consolidação democrática. Ao futuro Presidente será atribuída a difícil tarefa de enfrentar a mais grave crise econômico-financeira de nossa história, o que reclama a união de todos os brasileiros. Não poderemos nos dar ao luxo de manter a divisão interna que teria resultado comprometedor sobre o processo de transição democrática do País.

A situação brasileira é de tal modo dramática que o futuro presidente da República terá de pedir sacrifícios a todos os cidadãos para enfrentar uma inflação acumulada de mais de cinco mil por cento, uma dívida externa de 113 bilhões de dólares e uma dívida interna de mais de 100 bilhões de dólares. A

impressão unânime no Congresso é de que, com menos de seis meses de governo, o novo presidente estará extremamente desgastado. Basta olhar o que acontece atualmente com o presidente da Argentina, Carlos Menem, ainda cercado de incompreensões para enfrentar uma situação interna também dramática.

Os políticos estão de tal forma conscientes de que o novo presidente terá de assumir o ônus da impopularidade, pelo menos nos primeiros 18 meses, que já se tornou lugar-comum a afirmação de que os vitoriosos nas eleições de 1990 para governadores, um terço do Senado, Câmara dos Deputados e Assembléias Legislativas sairão de partidos que estiverem fazendo oposição ao governo.

Também virou clichê no Congresso Nacional afirmar que, dentro de seis meses, brasileiras e brasileiros estarão sentindo muitas saudades do atual presidente da República, cujo apoio foi dispensado por todos os candidatos como capaz de estigmatizar qualquer um deles. Do mesmo modo como o povo sentiu saudades dos tempos do general Figueiredo, cujo governo deixou como herança uma inflação anual de 200 por cento, os nossos cidadãos sentirão a falta de Sarney.

O sucessor do atual Presidente não poderá ser combatido como um inimigo, sob pena de erguermos um grande obstáculo à redemocratização. O novo governo vai precisar de apoio para enfrentar a crise.